

# O SÍTIO DE EIRA (VILA NOVA DE FOZ CÔA)

Alexandre Canha  
Fernando Robles Henriques  
Sérgio Rosa  
Telmo António

## RESUMO

O sítio de Eira, implantado em terraço aluvionar situado imediatamente a jusante da barragem do Pocinho, localiza-se no concelho de Vila Nova de Foz Côa.

O sítio arqueológico foi alvo de escavação com cariz de emergência no âmbito de uma intervenção de minimização de impactes da construção de um poste de uma Linha de Muito Alta Tensão.

Para caracterização do sítio realizaram-se quatro sondagens de 2x2m. Apesar da limitação inerente a um trabalho desta natureza, os trabalhos permitiram identificar, de forma parcelar, uma ocupação datada da Calcolítico/Idade do Bronze com características que parecem apontar inicialmente para uma utilização sazonal do local que, eventualmente e em fase final, terá evoluído para um padrão de ocupação permanente do espaço.

**Palavras-chave:** Idade do Bronze, terraço aluvionar, ocupação sazonal, ocupação permanente.

## ABSTRACT

The settlement of Eira, implanted in an alluvial terrace, is positioned just downstream the Pocinho dam. Geographically it's located in the Vila Nova de Foz Côa municipality.

The archaeological site was excavated in an emergency intervention during the process of impact minimization related to the construction of an Extra High Tension Line transmission tower.

In order to characterize the site, four diagnostic areas each with 2x2 m were executed. Although partial, the works allowed the identification of a human settlement dated to the Copper Age/ Bronze Age. The results indicate what seems to be an early seasonal occupation that transitioned into a fully settled community.

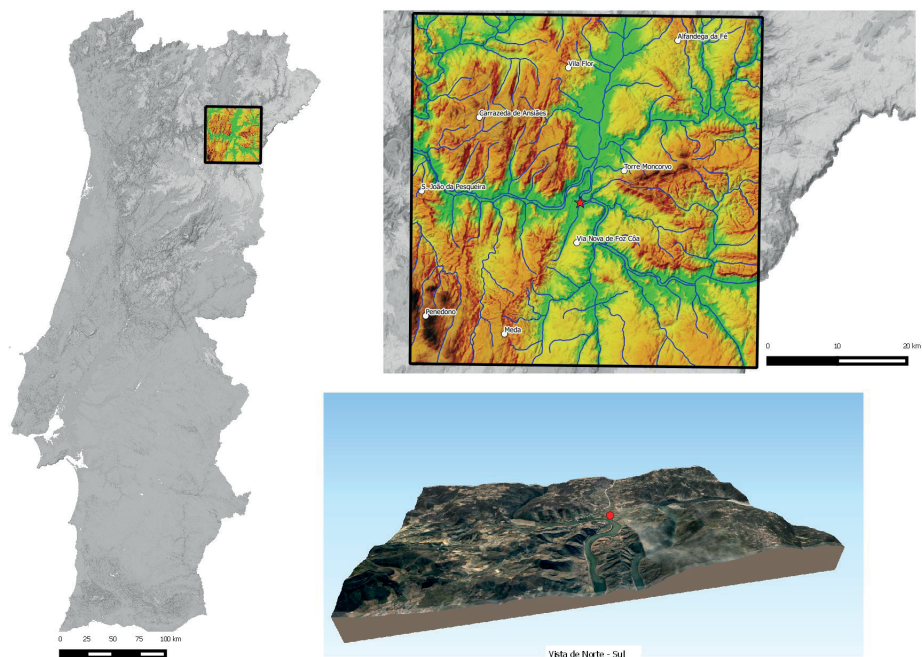
**Key-words:** Bronze Age, alluvial terrace, seasonal occupation.

## ENQUADRAMENTO

Neste trabalho apresentam-se os resultados obtidos na intervenção arqueológica no sítio de Eira. Este sítio arqueológico localiza-se junto da aldeia do Pocinho (concelho e freguesia de Vila Nova de Foz Côa), folha 130 da Carta Militar de Portugal, esc. 1:25000.

Os trabalhos arqueológicos consistiram na realização de quatro sondagens de 2x2m correspondentes ao local de implantação do poste 117 da Linha de Muito Alta Tensão Armamar – Lagoaça a 400kV, de forma a minimizar eventuais impactes decorrentes da abertura das sapatas do referido apoio.

O sítio arqueológico de Eira insere-se na área do Vale do Corte da Veiga, que é caracterizada por A. Sá Coixão na base de dados Endovélico da Direcção Geral do Património Cultural, como sendo de grande potencial arqueológico. O sítio está referenciado nessa base de dados, pelo menos, desde o ano de 2002 sob o CNS 17502. Este é descrito como sendo “constituído por um vale aplanado através de depósitos aluvionários de terras argilosas. Está actualmente cultivado com oliveiras e vinhas. A superfície provavelmente em terras removidas para plantio de árvores, existem materiais arqueológicos de vários períodos, essencialmente material lítico.



**Fig. 1:** Localização do Sítio de Eira.

Para sudeste, em terreno revolvido para plantio de vinha (com remoção de taludes com cerca de 3 metros de altura) são visíveis materiais romanos à superfície. A mesma base de dados refere ainda que ao nível do espólio este é constituído por “Cerâmicas romanas, onde sobressai um fragmento de sigillata, cerâmicas de material lítico pré- e proto-histórico, onde sobressai um machado de pedra polida em anfíbolito.” (<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>).

Geologicamente, o local alvo de sondagens arqueológicas é constituído por solos de aluvião holocénicos. Segundo a Nota Explicativa da folha 11 – C da Carta Geológica de Portugal (Torre de Moncorvo), a Área de Estudo encontra-se caracterizada como sendo de “depósitos soltos, essencialmente constituídos por areias de diferentes calibres, mais ou menos argilosos, de cor castanha, por vezes associadas a cascalheiras roladas. A Oeste e Norte do Pocinho [zona de intervenção], junto ao rio Douro, os

aluviões exibem dois níveis, tal como terraços distintos, com um desnível superior a 3 metros. São constituídos por material fino, onde predominam o silte e a argila” (SILVA, REBELO e RIBEIRO, 1989).

## TRABALHOS REALIZADOS

A intervenção ocorreu em terrenos ocupados por olival e vinha, associados a cobertura herbácea rasteira e densa. As sondagens foram realizadas em encosta de pendente bastante suave, orientada, sensivelmente, a Este.

O sítio encontra-se em terrenos assentes em plataforma visivelmente artificializada, resultando na criação de um declive pouco expressivo, ocupado por olival e vinha. À superfície eram visíveis escassos fragmentos cerâmicos de cronologia, aparentemente, romana.

Os trabalhos consistiram na abertura de quatro sondagens de 4m<sup>2</sup>, cada uma correspondendo a uma perna do poste



**Fig. 2:** Localização do sítio de Eira sobre ext. da CMP, fl. 130.

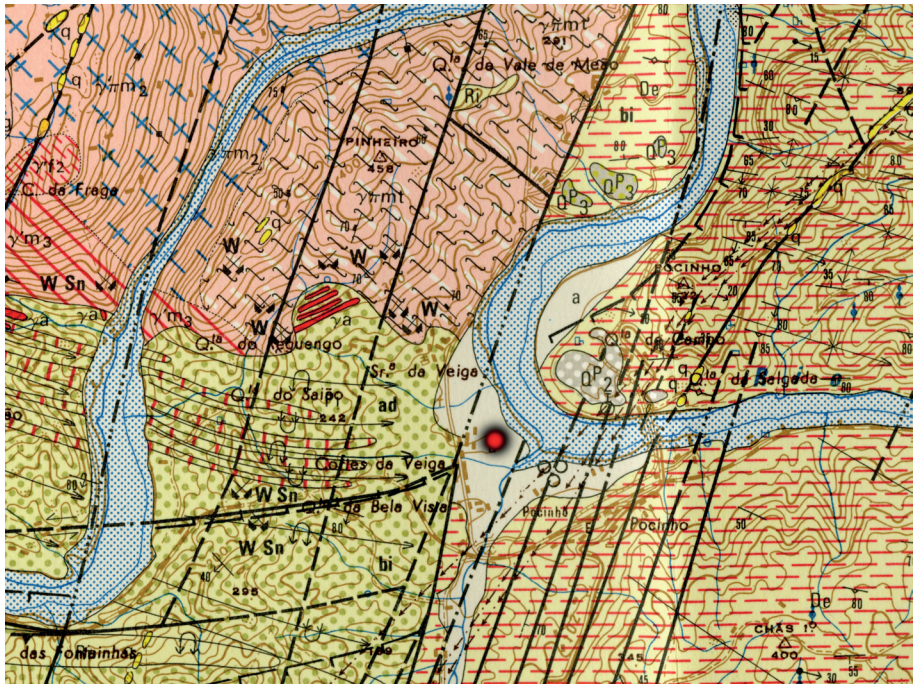


Fig. 3: Extracto da folha 11 – C da Carta Geológica de Portugal (Torre de Moncorvo).

de Muito Alta Tensão. Para tal e atendendo à exiguidade das áreas a intervir, obedeceu-se à estratégia de remoção de sedimentos segundo a ordem imposta pela estratigrafia natural.

Cada sondagem além da numeração sequencial pela ordem de abertura, recebeu complementarmente a designação de cada uma das pernas do poste (E1, E2, D1, D2).

As sondagens revelaram uma estratigrafia inicial bastante linear e simplificada, comum a todas as áreas interencionadas, composta por três níveis, sendo que o terceiro se compunha por pequenos extratos que intercalavam a camada base. Estas descrevem-se da seguinte forma:

**UE1.** Estrato vegetal orgânico, húmido, com ocorrência de raízes de vegetação rasteira e algumas de videira. O topo apresenta uma fina camada sedimentar areno-argilosa. Apresenta-se medianamente compacta, de granulometria fina e de coloração castanho-escuro. Integra fragmentos de cerâmicas de diferentes cronologias (Pré-história à actualidade), pedras de calibre pequeno dispersas.

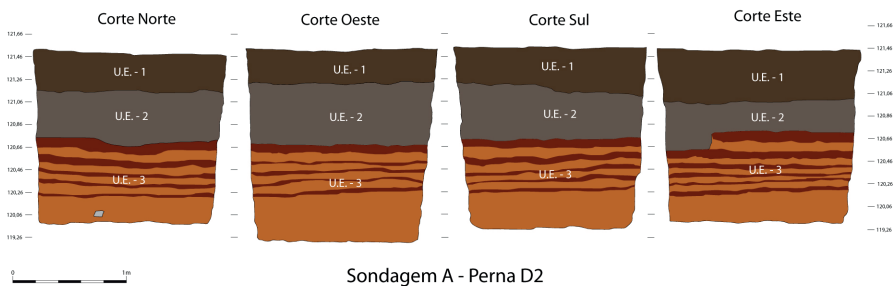
**UE2.** Corresponde a uma camada estratigráfica areno-argilosa, medianamente compacta, de granulometria fina e tom castanho / amarelo claro. Persistem as intrusões de raízes. Surgem fragmentos de xisto e algum



**Fig. 4:** Vista geral da área intervencionada.

espólio cerâmico. Apresenta ainda incursões dispersas de pedras de calibre pequeno e reduzido. Mistura evidente de materiais cerâmicos de cronologias amplas (Pré-história ao período Contemporâneo);

**UE3.** Estrato sedimentar areno-argiloso de espessura variável. Essencialmente composto por areia fina clara alternando com finos estratos de coloração castanho ferroso. No interface destes estratos que compõe a camada encontram-se depositadas cerâmicas manuais de pastas escu-



**Fig. 5:** Sondagem A (Perna D2) – Perfis estratigráficos.

ras, fragmentos sem contaminação temporal associados, essencialmente, ao nível argiloso mais compacto. Esporadicamente cortada por valas de surribo (UE2).



**Fig 6:** Sondagem A (Perna D2), corte Norte.

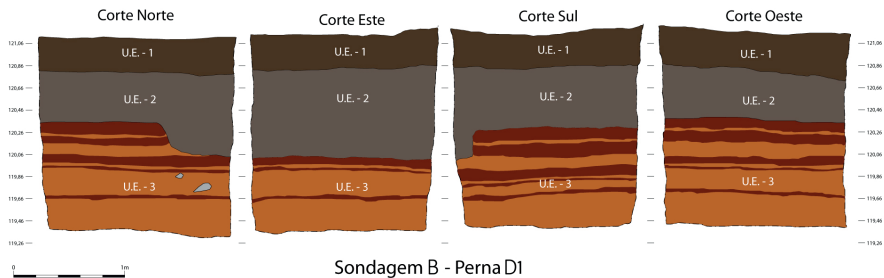
Durante a escavação da **Sondagem C/Perna E2** as três primeiras unidades estratigráficas identificadas correspondiam à restante realidade observada nas outras sondagens, contudo nesta sondagem foi identificada uma unidade, sem correspondência à restante realidade intervencionada. Esta encontrava-se em contacto com a UE3 e na qual se insere um conjunto de pedras que foi

interpretado como possível nível de lareira. Nesta unidade (UE4), além de alguns fragmentos cerâmicos de cronologia Pré-histórica também se recolheram alguns restos faunísticos, entre eles restos de dentição animal.

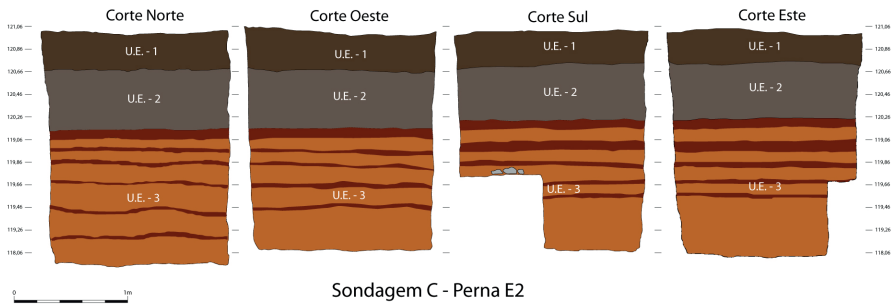
A **Sondagem D/Perna E1** permitiu individualizar no interior da UE2 uma mancha sedimentar areno-argilosa, medianamente compacta, de gra-



**Fig. 8:** Sondagem B (Perna D1), corte Norte.



**Fig. 7:** Sondagem B (Perna D1) – Perfis estratigráficos.



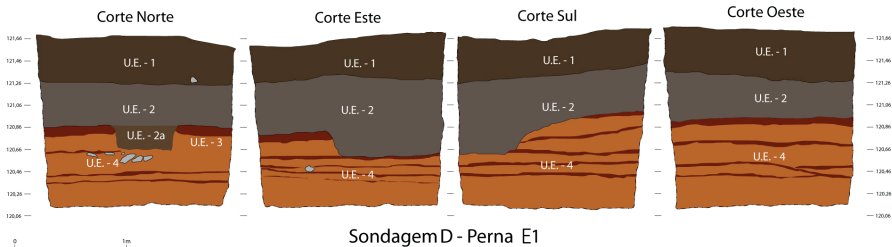
**Fig. 9:** Sondagem C (Perna E2) – Perfis estratigráficos.



**Fig. 10:** Sondagem C (Perna E2), corte Sul.



**Fig. 12:** Sondagem D (Perna E1), corte Norte.



**Fig. 11:** Sondagem D (Perna E1) – Perfis estratigráficos.

nulometria fina e de cor cinzento-escuro. Exibia incursões concentradas de carvões, tijolo, raízes e fragmentos de cerâmica, vidro e faiança. Tratava-se de uma fossa para colocação de lintel de xisto de armação de vinha, tendo esta recebido a designação de UE2a. Pos-

teriormente, em cota inferior e já em relação (?) com a UE3, no corte Norte, identificou-se um pequeno alinhamento de pedras associado a uma mancha com coloração escura sugerindo uma fogueira/estrutura de combustão, tendo sido designada de UE4.

## RESULTADOS

Apesar da exiguidade das áreas intervenionadas foi possível, através da cultura material exumada, comprovar a ocupação humana do local em período contextualizável na Pré-história Recente.

As cerâmicas exumadas caracterizam-se por serem de fabrico manual e apresentarem pastas grosseiras, predominando a tonalidade escura ou negra, e.n.p. de calibre médio. Ocasionalmente, surgem decorações, maioritariamente incisões e puncionamentos e num caso sulcos brunidos e noutro, incisões associadas a excisão. Num caso ainda restam vestígios de pasta branca num dos fragmentos recolhidos.

A presença de bordos, maioritariamente relacionada com peças de pequena dimensão, é interessante, ainda que naturalmente no contexto global

predominem largamente as panças, estando os fundos ausente do espólio identificado. As pastas oscilam entre tratamentos de superfície medianamente cuidados com alguns bons alisamentos e superfícies mais grosseiras de tratamento pouco cuidado. As pastas apresentam abundantes e. n. p., compostos por quartzos e micas.

O espólio cerâmico do sítio de Eira, tendo em conta a reduzida área intervenionada, revela uma interessante variabilidade da matriz decorativa ao nível dos motivos, mas sobretudo da técnica, podendo encontra-se: Puncionamentos (Figura 13, nº 4), num caso o puncionamento encontra-se associado a “digitação” no bordo (Figura 13, nº 2); Incisões (Figura 13, nº 3), num caso estas teriam preenchimento dos “alveólos” da incisão com pasta branca (Figura 13, nº 5); Excisões associa-



**Fig. 13:** 1 a 7 cerâmica decorada. 8 Furador em quartzos (?). 9 Ponta de seta (?) em quartzos.



das a incisões (Figura 13, nº 1); Sulcos brunidos (Figura 13, nº 7). Estas matrizes decorativas são transversais a uma parte significativa da Idade do Bronze, podendo distinguir-se elementos possivelmente mais arcaicos como os punccionamentos, outros associados ao “mundo de Cogotas” e outros geralmente mais associados a momentos seguintes como sulcos brunidos.

No que concerne aos artefactos líticos, assinalou-se a escassa presença de uma indústria quase exclusivamente executada sobre quartzo e quartzito. Esta realidade ilustra bem o carácter eminentemente utilitário desta utensilagem e o pragmatismo inerente. De entre o espólio lítico recolhido destaca-se um furador (?) (Figura 13, nº 8) e uma ponta de seta (?) (Figura 13, nº 9), ambas em quartzo. Esta última semelhante a um exemplar recolhido no povoado da Idade do Bronze Pleno do Fumo (CARVALHO, 2003)

## **ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

O sítio da Eira implanta-se em esporão aluvial, dominando visualmente a paisagem circundante, nomeadamente o vale do rio Douro. O relevo propícia um bom acesso à envolvente, o que facilitaria a exploração de recursos.

A estratigrafia revela ao nível da camada arqueológica de ocupação (UE.3) um conjunto distinto de estratos que parecem apontar para uma sucessão de momentos/ocupações do espaço matizadas em estratos algo compactos de

coloração ferruginosa, intercalados por matrizes mais espessas de areias finas que aparentam corresponder a estratos de abandono onde a densidade de espólio arqueológico é mais reduzida.

A observação da estratigrafia revela ainda que os níveis potencialmente relacionáveis com fases de ocupação/utilização do espaço são mais finos na base da UE3 e vão espessando até atingir um nível mais denso no momento final da ocupação. Numa abordagem interpretativa inevitavelmente simplificada, imposta, quer pela exiguidade da área escavada, quer pela ausência de estudos complementares, pode-se equacionar a possibilidade da última fase de ocupação do sítio ter sido, eventualmente duradoura ou mesmo permanente em oposição às antecedentes, que seriam de cariz, aparentemente, sazonal.

Ao nível do espólio cerâmico, parece haver uma interessante relação entre os níveis de ocupação mais antigos onde, aparentemente, verifica-se uma predominância de formas de pequenas dimensões e consequentemente de mias fácil transporte, comparativamente aos últimos momentos de ocupação onde parece verificar-se um predomínio de cerâmicas de maiores dimensões, geralmente mais associadas a funções de armazenamento do que de transporte.

Como já indicado o cariz da intervenção arqueológica (exiguidade da área escavada associada a um cariz de emergência) foi por si só uma condicionante à abordagem interpretativa ao sítio, a que se soma outras como a

ausência de estudos complementares (arqueométricos, paleoecológicos, paleogeológicos, cronologias absolutas, entre outros).

Apesar destes condicionalismos, avança-se - ainda que de forma reservada - a possibilidade deste sítio, numa fase inicial da utilização do espaço, ter correspondido a uma área de ocupação sazonal em que uma comunidade exploraria os recursos naturais da zona (relembrando que o local se encontra num terraço sobre o rio Douro), evoluindo essa presença temporária para uma apropriação permanente do espaço. Este processo de assentamento culminaria numa maior potência estratigráfica dos testemunhos arqueológicos, que é observada no estrato de ocupação do topo da UE3.

A apresentação deste sítio nas VI Jornadas de Arqueologia do Vale do Douro justifica-se não pela exuberância do espólio exumado, nem pela espetacularidade do sítio em si, mas antes por todo o potencial arqueológico que este sítio aparenta encerrar para o conhecimento das comunidades da 2ª metade do IIº milénio a.C. nesta região Duriense.

## BIBLIOGRAFIA

- CARNEIRO, Ângela (2011) “As cerâmicas do terceiro e segundo milénios a.C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)”. In Actas do V Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal. Direcção Regional de Cultura do Norte
- CARVALHO, António F. (2003) - O Final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n.º 2, Ministério da Cultura - Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, pp. 229-273.
- JORGE, S. O. (1998) - Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. *Estudos Pré-Históricos* 6, Viseu p. 279-29
- MURALHA, J. (2014) “A Idade do Bronze no Alto Douro Português; os discursos possíveis” in *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Antropologia Monográfica nº 1, Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar, pp. 100-144.
- SILVA, A. Ferreira da; REBELO, J. Almeida; RIBEIRO, M. Luísa (1989) – *Notícia Explicativa da Folha 11 – C – Torre de Moncorvo*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.